

CERJ

Boletim

Ano 70 - Número 632 - Outubro de 2008

Impresso



Pelle e Galera no churrasco de seu aniversário



Expediente 2008

Presidente:

José Carlos Muniz Moreira

Vice-Presidente:

Luiz Antônio Puppim

Secretário:

José de Oliveira Barros

Tesoureiros:

1- Mônica Esteves

2- Gabriela Melo

Diretor Técnico:

José de Oliveira Barros

Supervisão Técnica:

Rafael Villaça

Daniel Schulz

Diretora Social:

Liane Leobons

Auxiliar Dir. Social:

Salomyth Fernandes

Diretor de Ecologia:

Domingos Sávio Teixeira

Diretora de Divulgação:

Elma Porto

Conselho Deliberativo:

Presidente:

Nino Bott de Aquino

Conselho Fiscal:

Membros efetivos

Carlos Carrozino

Gustavo Iribarne

Maria Aparecida (Cida) Gama

Boletim informativo do CERJ

Diagramação: Roberto Metri

Os artigos assinados não representam, necessariamente, a posição da entidade. É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte.

Escalar é um esporte de risco.

REFLORESTAMENTO. UMA NECESSIDADE, UMA PAIXÃO.

A reportagem de capa do Caderno Zona Sul do Jornal O Globo publicada em 11 de setembro de 2008. Reconhece e divulga a importância e a paixão de um reflorestamento.

Quem conhece e teve a oportunidade de participar de mutirões de reflorestamento com Nóbilis, Satica, Sávio, Bula (CEC), Antônio Dias (CEB) e outras feras da ecologia, sabe do amor e dedicação desse pessoal pelo seu trabalho de recuperação ambiental.

Me considero um cara privilegiado, pois tive a oportunidade de atuar em mutirões com muitas dessas feras, transportando mudas, cavando covas, plantando, tirando o capim, enfim, participando da tarefa do momento.

No início dos anos 90 Rothier e o Everaldo, já falecidos, e eu fizemos boas parcerias em recuperação de áreas. Everaldo gostava de atuar no Bananal, no Parque Estadual da Serra da Tiririca e o Rothier na Pedra Bonita.

Hoje vemos áreas, que em tempos outros estavam bem deterioradas, totalmente recuperadas e servindo de exemplo como mostra a reportagem citada acima.

Seja um voluntário em mutirões ecológicos, pratique o montanhismo de mínimo impacto e sinta o prazer de poder fazer algo pela natureza e ajudar a manter a beleza dos locais que visitamos.

Rio de Janeiro, 24 de setembro de 2008.

José Carlos Muniz Moreira

Presidente do CERJ

Data	Atividade	Local	Tipo	Reponsável
05.10	Mutirão de Reflorestamento	Pão de Açúcar	Atividade Ecológica	Sávio
02.11	Mutirão de Reflorestamento	Pão de Açúcar	Atividade Ecológica	Sávio



Aniversariantes



Setembro

Outubro

*02 – Ana Paula Paiva Almeida
João Paulo P. Fortes (JP)*

*03 – Andre dos Santos Martins
Miriam Cardeman*

07 – Wagner Veltri Alves

08 – Liane Leabons da Silva

09 – Claudia Levy

11 – Marina Teixeira de Mello

17 – Alexander Georgiadis

20 – Julia Médici Poubel

21 – Ricardo Giannoni

22 – Márcia Moura

23 – Luciana Mello Vieira

24 – Ana Fucs

Rafael Villaça

26 – Josué Poubel Bastos

Mariana Ferraz Ribeiro

*27 – Gustavo da Silva Iribarne
Martins*

28 – Luciana Mello Vieira

Paulo César Machado (Pablito)

29 – Renato Pereira do Nascimento

31 – Victor Braga Raposeiro



Nelson Chegando ao Vértice foto J Perozzo

RELATO DE VIAGEM. PEDRA DA ÁGUIA E CÂNION DO ESPRAIADO, URUBICI, SC.

Nelson Brugger e Juliano Perozzo, 4-8/09/08.

Ano passado eu já havia estado na região de Urubici (SC), próxima à Serra do Corvo Branco. Ali, um uruguaio muito gente boa, o Juan, montou um refúgio de montanha, bem próximo onde já parece ter sido demarcada a área para um futuro parque nacional, o Campo dos Padres. A área é

privada, e a boa vontade dos donos (O Juan só é dono do refúgio), parece variar mais com a fala de quem alerta o fato. Pela segunda vez, andei por lá sem nenhum problema. Como a previsão era de chuva, de quinta a sábado (e não ia dar muita escalada por aqui em Caxias), eu botei pilha no Juliano Perozzo, da Associação Caxiense de Montanhismo, para irmos acampar e dar uma banda pela região. Marcamos para sair quinta, na hora do almoço, mas como chovia a cântaros, só saímos às cinco da tarde. Paramos em Vacaria, para comprar singelos 9Kg da melhor maçã que já comemos. Seguimos por Lages, Urubici e de

lá, são mais 30Km de estrada de terra bem conservada. Chegamos tarde, e as chaves do refúgio se encontravam simpaticamente na porta à nossa espera.

Na manhã seguinte, demos um rolé, pela parte baixa, no vale do Rio Canoas (principal afluente do rio Uruguai) que nasce na parte alta dos campos. Lá, vimos a Pedra da Águia, uma imponente formação arenítica, de centos-e-poucos-metros. Resolvemos subir o colo da montanha, pela face norte (junto ao rio Canoas) varando bambuzal, pois não há trilha de acesso. Chegando à crista, notamos que o arenito era de fato muito mole e que qualquer tentativa de alcançar o cume pode implicar em grande impacto na formação. A vista foi maravilhosa, pois agora deslumbrávamos o vale do Canoas e o lado da face sul da pedra. Depois de muita contemplação, e a polêmica sobre designar os “periquitos” como maritacas ou caturritas, descemos pelo outro lado da colo, encontrando vez por outra, uma floresta de xaxim que nos aliviava do bambuzal.

Na noite de sexta para sábado, São Pedro mostrou ao que veio e a chuvarada caiu a noite inteira até ao final da manhã. Havíamos impresso as imagens de satélite do Google Earth, e iríamos tentar seguir para o cânion do Espreado, por um caminho (embora imaginássemos, não sabíamos se havia caminho) que acessava a borda direita do cânion (a partir do vértice), em um ponto bem distante do vértice. O caminho usual segue o vale do Canoas e sobe por uma trilha (na verdade uma péssima estradinha de terra, desafiadora para os melhores 4x4, até um trecho) até próximo ao vértice.

Tomamos a trilha na face sul da

Pedra da Águia e subimos, subimos, subimos....passamos um mangueiro, umas vacas soltas, pulamos algumas cercas e subimos, subimos, subimos, sempre debaixo de uma chuva fina. Por fim, chegamos a uma matinha, que parecia (muita neblina e pouca visibilidade) se estender até a borda, já próxima. Tomamos à esquerda, pulando mais uma cerca, e seguindo pela trilha dos bois. Por este caminho, percorremos um lindo trecho aberto de campo, onde podíamos ver ao longe à esquerda, o cânion do Canoas e a crista dos morros por onde segue o caminho usual, e à direita, a borda do Espreado. Voltamos à mata e em um determinado instante, a trilha apresenta uma bifurcação à direita, que segue até uma das primeiras “torres” do cânion. Nós continuamos e em pouco tempo, chegamos a uma área descampada, já na borda direita do dito cujo. O tempo começava a dar sinais de melhora, mas a ventania era medonha. Aos poucos a paisagem se abria num canto, fechava em outro, mas conseguimos ver a imponência do Cânion do Espreado. Pausa para o lanche (maçãs, maçãs e mais maçãs!) e continuamos em direção ao vértice. Embora quiséssemos continuar pela borda, os vários recortes e a presença de rios, nos forçaram em alguns momentos a nos embrenhar pelas matas de bambu (argh) e xaxim (ahh!). Com isso, nos afastamos mais do que pretendíamos da borda do cânion, indo encontrar a trilha usual, que sai em outro mangueiro, já próximo ao vértice. Um pouco a direita do vértice, um pouco acima do encontro de dois pequenos rios, encontramos uma área excelente para acampar, já às 18:00.

Após o farto jantar de macarrão integral,

proteína de soja, queijo, e sobremesa (maçãs, claro!), olhamos para cima e o céu, sem uma nuvem! A lua crescente nos dava uma bela iluminação, mas o frio e a ventania não nos permitiam tanta contemplação. Durante a noite, o vento realizou um belo teste da minha megasuperultraplusbarracanova Tabajara! No dia seguinte, colhemos o fruto de 2 dias de caminhada sob chuva: Nenhuma nuvem no céu e excelente visibilidade. Da barraca mesmo, era possível avistar a estrada da serra do Corvo Branco, que desce ao litoral, serpenteando a serra catarinense, um pouco ao norte da mais famosa estrada do Rio do Rastro. Caminhamos primeiro pelo trecho da borda direita, próximo ao vértice, onde se encontram duas torres colossais!

Retomamos o caminho da borda esquerda, seguindo direto ao ponto mais elevado e distante da borda. A impressão era a de avistarmos todo o estado de Santa Catarina! De lá víamos o morro da igreja, considerado o ponto mais frio do Brasil. Voltamos margeando toda a borda esquerda do cânion, com aquela sensação de termos sido abençoados pela mãe natureza. A barraca já havia sido desmontada e devidamente malocada num mato próximo. Após eu (mais uma, de incontáveis vezes), esquecer alguma coisa fora da mochila, partimos lá pelas 17:20 horas, para a caminhada de retorno. Pegamos o caminho usual de acesso ao cânion, e quando o sol se pôs, a lua crescente, que nascera já no meio da tarde, nos iluminou o caminho. Da trilha, no lusco-fusco, ainda avistamos o rio Canoas em seu cânion. Antes de chegarmos a parte baixa, junto ao rio, estávamos apreensivos pela presença búfalos, que são criados no local,

mas os bichanos se comportaram como lordes. Chegamos ao Refúgio às 20:00, exaustos (eu particularmente) e extasiados com o espetáculo da natureza. O Juliano, como nas outras noites que passáramos no abrigo, se deu ao trabalho de deixar o fogãozinho à lenha “bombando”, o que foi, literalmente, o ouro! Mais uma orgia alimentar, a base de macarrão, ovos e maçãs. No dia seguinte, acordamos cedo e o espetáculo era o campo coberto de geada. Deu -2 graus à noite no refúgio. Seguimos até Urubici, tomamos café e me caiu a ficha que havia esquecido o celular no refúgio, putqparghgrunch!, seriam mais 60Km, não antes de trocar o pneu furado por um prego de cerca, numa borracharia local. Tivemos certeza que foi uma maldição por tantas cercas puladas! Tomamos enfim o caminho de casa, onde apostas sobre o a presença de belas muchachas nos pedágios, me assegurou 3 cervejinhas na conta do Juliano, a ser paga no último grampo! Ah, sim:- ainda estamos comendo maçãs!

Nelson Brügger (ACM e CERJ) & Juliano Perozzo (ACM)



Via Pelle 70

PELLEGRINI

Como parte das comemorações dos 70 anos deste “Gigante das Montanhas”, na mesma hora em que os cerjenses desfrutavam das delícias do churrasco na Floresta da Tijuca, eu e Tônico estávamos conquistando uma via denominada “Pellé 70”, no Sítio Recanto das Águas, em Ferros/MG.

A via fica numa parede virgem, um pouco além da entrada do Vale do Roncador (onde está a maioria das vias de Ferros). Depois de 40 minutos abrindo trilha por uma mata seca, cheia de cipós, chegamos na base de uma fenda que, infelizmente, era morada de abelhas. Desta forma, seguimos por um trepa pedras pela direita, subindo cerca de 20m. Ao final do trepa pedra, iniciamos a via. As quatro primeiras proteções são móveis (friends) e cerca de 35 metros depois, começamos a grampeação. No penúltimo grampo, olhei para trás e me deparei com a mais bela vista de Ferros, onde o rio Tanque passa pelo vale com todo seu charme.

A via mede 110m e está graduada em 3º/III sup.

Pellé, essa é pra você ser sempre lembrado, seja no Rio, Salinas ou mesmo por Ferros, onde só passaste pegando carona no nosso coração.

Xaxá e Tônico

ENCONTRO DE VETERANOS no CEB por Uma Montanha de Amigos

Será realizado no dia 21 de outubro de 2008 (terça-feira), a partir das 17h, o 5º Encontro de Confraternização dos Montanhistas Veteranos.

Anotem na agenda e não percam a oportunidade de matar as saudades, bater aquele papo com os amigos e relembrar antigas histórias. Tragam seus álbuns com as fotos das excursões inesquecíveis.

“TODOS OS CLUBES! VÁRIAS GERAÇÕES DE MONTANHISTAS!!”.

Sonhos, desafios, união, amizades, conquistas.

Amor e Respeito pelas Montanhas.”

Telefone para os amigos e combinem de vir juntos.

Sua presença é muito importante.
Compareça!



Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1977.

Excursão ao Paredão Antares!

Éramos seis participantes.

Deles lembro apenas do Pedroca e do Machadinho (este nascido na “Terrinha”, e em função de um personagem de novela da “Globo”, virou “Machadinho” e o seu nome se perdeu nas brumas do tempo).

Além de mim e dos acima mencionados, não recordo os nomes, apenas as fisionomias.

Na época existia um imenso tobogã em frente ao que é hoje o Parque da Catacumba (que na época não estava urbanizado sendo o acesso à Parede um capinzal safado), e um posto de gasolina que ainda está lá.

Marcamos no tobogã bem cedo, devido ao sol.

Dia lindo calor de verão.

Dezembro.

Eu todo contente com uma “eficiente e moderna” bota Marasco que fora comprada do Natanael, de caminhada e que servia para escalar, também.

Tinha que servir. Não tinha outra.

Pedroca com uma bota rígida, recém chegada da Europa.

Machadinho com equipamento de primeira: baudrier integral, mosquetões P. Allain e até fitas!

Nós, pobres mortais, usávamos aquela cadeirinha de corda de varal com um mosquetão.

Encordamento: Lais de Guia na cintura.

Rio 40º!

Derretíamos já naquela hora da manhã!

Ao chegarmos à base estávamos todos encharcados de suor.

Base?

Que base?

Em nosso imaginário iríamos ao Paredão Antares... (Então recém conquistado pelo Pellé e a Denise).

Porém, sabe-se lá o motivo?

Calor, distração, aquele papo saudável e entramos em uma via que não se adequava ao “croquis”...

ERRÁRAMOS A BASE!

E não sabíamos disso.

Tomamos uma coça daquelas.

Com o Sol castigando. Descendo a chibata!

Na época usava-se óleo de bronzear ao invés de protetor solar.

Raios UV? Que é isso, gente?

Tínhamos, sem saber, até descobrirmos semanas depois, que a via escalada fora o Paredão TaMau... Seguindo com toda a atenção e desvelo o “croquis” do Paredão Antares...

A escalada foi uma verdadeira caça aos grampos.

Examinávamos o “croquis”, procuravam-se os acidentes da pedra, em especial uma “barriguinha”, todos davam palpites, bocas batiam, enfim: um verdadeiro salseiro e, ... **NADA COMBINAVA!**

Estávamos completamente sem noção, como o Joselito.

Entretanto, suados, cansados, porém intrépidos fizemos o cume.

O detalhe é que na época não havia

grampeação até o cume ou não foi localizada por nós.

Quando chegamos, eu ainda tinha meio litro d'água e duas laranjas para dividir com cinco pessoas.

A descida foi uma tourada.

O Machadinho, mais experiente, descalou 50m até uma enorme bromélia, onde o aguardávamos quietos, imóveis e sumigados (nós tínhamos descido antes rapelando em uma árvore).

A outra descida foi armada nesta bromélia... Resistente a moça. Amemos as bromélias, moitas de capim, pés de emas, tarugos da Geotécnica, etc...

Nessa altura ninguém mais se entendia: fome, sede, calor, sangue, suor e lágrimas...

Juras de que doravante mudaremos para o ping pong ,futebol de mesa ou pimbolin....

Escalar, nunca mais. Afirmações sinceras, como as amizades.

Resumo da Ópera: conseguimos descer; chegamos contentes ao posto de gasolina à duas horas da tarde onde não tinha refrigerantes. Água somente a da bica e um maravilhoso suco de mamão em lata – congelado – uma delícia.

Já felizes, sem entendermos nada e satisfeitos por mais uma escalada!

(Engraçado, depois daquele dia nunca mais agüentei ver mamão na minha frente).

Porém tudo era festa:

1978 chegando!

Ano Novo, Vida Nova e muitas Escaladas para acontecer!

Voltei algumas vezes ao Paredão TaMau, prudentemente nunca mais fazendo o cume.

Ao Antares, nunca fui. (ou se fui não me

lembro)

Dia desses parece que marcaram uma excursão para lá, mas não me interessei.

Por quê?

Sei lá?

Por diversos motivos, mas talvez para não perder o encanto de “fazer” o Antares via TaMau...

João Mollica

Será realizada, conforme já vem sendo feita há vários anos, no CINE ODEON, na Cinelândia, no centro do Rio (RJ), a 8ª Mostra Internacional de Filmes de Montanha, organizada (Patrocinada) pela firma EQUINOX e cujo trabalho de coordenação é feito pelo “lagartixa” Alexandre Carvalho Diniz, seu Diretor-Geral.

Nesse evento, que será realizado do dia 22 até 26 de outubro próximo, serão exibidas dezenas de filmes de curta-metragem, alguns de ótima qualidade técnica.

Os filmes selecionados concorrerão ao “Troféu Corcovado”, nas seguintes categorias: melhor filme, melhor diretor, melhor fotografia e melhor trilha sonora.

Juntamente com a exibição dos filmes, é realizada, anualmente, uma “Exposição Fotográfica”, de um conhecido Fotógrafo-alpinista.

Neste ano de 2008, o escolhido foi o nosso sócio-fotógrafo “Sobral Pinto” que vai expor diversas fotos de sua autoria (Todas batidas, reveladas e ampliadas pelo próprio, em seu laboratório, em “Preto e Branco”).

Aproveitem! Participem nesses 5 dias para escolher, no programa que será distribuído, gratuitamente, os filmes que melhor lhes agradar e também a “Exposição Fotográfica” do “SOBRAL”.

AGRADECIMENTO

O CERJ agradece ao nosso querido sócio Carlos GUEDES F. de Souza a doação de um exemplar do livro de sua autoria intitulado “AVENTURA NOS ANDES – de São Paulo ao Pacífico”. Lembramos que o Guedes, recentemente, esteve no Aconcagua, conforme matéria publicada no boletim do mês de junho deste ano.

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA

Para os meses de outubro e novembro de 2008, o nosso sócio-fotógrafo “SOBRAL PINTO”, dará continuidade a “Exposição Fotográfica” que o mesmo organizou nos meses de agosto e setembro pp, com fotos batidas pelos sócios WALDECY MATHIAS LUCENA e SEBLEN MANTOVANI, no curso de “Escalada no Gelo”, efetuado em BARILOCHE (Patagônia), na Argentina, entre os dias 31.12.2007 até 18.01.2008.

Nesses próximos dois meses serão exibidas as fotos batidas pelos sócios acima mencionados, nas escaladas efetuadas ao “Tronador”, “Diedro de Jim” e “Torre Principal do Tronador”.

São fotos muito bonitas, mostrando a prática de escalada no gelo, colocando em prática o que tinham acabado de aprender.



Nelson no Lenheiros

SOBRE SER UM MONTANHISTA

Por Néelson Brugger e Elma Porto

No ano passado, numa reunião informal em um Parque Nacional Brasileiro, um dos presentes autores, foi interpelado por um representante de uma organização de outro esporte de aventura que perguntou: “- Então, vocês fazem uma caminhada na praia... isso é o que? É montanhismo?”. Essa pessoa buscava relativizar a capacidade técnica de

montanhistas, no que diz respeito ao trânsito por um determinado ambiente natural. Não houve hesitação na resposta: “- Claro que é montanhismo!”. Embora estranha na semântica, minha forma de ver se justifica pelo histórico EXCURSIONISTA do montanhismo brasileiro, grafado, ainda hoje, nos nomes de importantes clubes, como o CEB e o CERJ, mas também nas pranchetas de excursões destes mesmos clubes. Ficamos tristes, em perceber que esse interlocutor desconhecia a trajetória histórica do montanhismo nacional, mas por outro lado, ficamos felizes por sua

indagação nos fazer elocubrar: - O que define um montanhista?

Num olhar mais rápido, poderíamos ficar com a definição do dicionário “Aurélio”: “Esporte que consiste em escalar montanhas” e, por conseguinte: “relativo ao ou que pratica o montanhismo. Sinônimo: Alpinista”. Felizmente, o histórico dessa atividade nos deixou um legado maior e também, por respeito e admiração aos colegas do Paraná, que montanhistas-Marumbinistas, jamais concordaram em ser chamados de Alpinistas! Uma leitura apressada dos livros do Antônio Paulo de Faria (História do Montanhismo Brasileiro) e do Waldecy Lucena (História do Montanhismo no Rio de Janeiro: dos Primórdios aos anos 1940), não apóia o argumento de nosso interlocutor. O primeiro Clube a ser fundado, foi o Centro Excursionista Brasileiro, o CEB, nos idos de 1919. Desde seus primeiros anos, diversas atividades excursionistas, fora da montanha, congregavam seus associados, assim como ainda hoje, na maior parte dos clubes. Nesse tempo, e no contexto nacional e internacional, mas também no intercâmbio entre montanhistas brasileiros e estrangeiros, os clubes se constituíram como espaço onde não só técnicas de escalada, materiais e equipamentos foram desenvolvidos e adaptados, mas num espaço onde um ethos foi de fato forjado.

Seria este ethos, característico da atividade praticada? Se caminhada, se escalada, ou em sub-categoria desta, em escalada esportiva, alpina, etc? Estes subgrupos têm características identitárias próprias, mas sem dúvida há outras, comuns

a todos, que creio eu, dizem respeito à identidade dos montanhistas em geral, e dos montanhistas brasileiros em particular. O montanhismo brasileiro, certamente foi influenciado pelo movimento europeu, em seus primórdios. Mas também, desde seu evento fundador, a conquista do Dedo de Deus (Lucena, 2008), caracterizou-se por ser plural, aceitando participantes a despeito de credo, etnia, status social, escolaridade, gênero ou afinidades políticas. Caracterizou-se, pela ligação fraterna, típica daqueles que dividem situações difíceis, dependendo, muitas vezes, exclusivamente do comprometimento de seus companheiros. Numa época em que os equipamentos eram frágeis, os ânimos tinham de ser fortes, como para oferecer segurança de ombro, sem aparelhos. A criatividade, também foi um elemento central, superando a falta de equipamentos inexistentes, ou não adaptáveis a realidade local. Obviamente, que a curiosidade e o inconformismo eram/ são elementos também presentes, em quem desejava ir aonde ninguém fora, ou por “onde”, ou “pelo modo” que ninguém fora. Embora muitas condutas tenham sido abandonadas, em cada época, à sua forma, a preocupação com a preservação ambiental estava presente, tendo os montanhistas, em alguns momentos demandado a criação de unidades de conservação. Por fim, mas não menos importante, o comprometimento fraterno com os outros, que encontramos em nosso caminho, a quem prestamos nossa solidariedade e auxílio, mesmo quando isso implique abrir mão dos objetivos de nossas excursões. Muitos destes valores estão presentes, em gestos

simbólicos singelos, presentes ainda hoje, como, na confraternização de cume, entre companheiros: “-Mais um!”. Em hábitos, infelizmente em desuso, como o registro em livros de cume, onde podia-se compartilhar os sentimentos dos que ali estiveram antes e registrar os próprios sentimentos, para os que viessem depois. O espaço comunitário, típico nos clubes mais antigos, está presente até hoje, contrastando em muito com o grosso das demais organizações sociais de nossa sociedade. Na visão de nosso inesquecível Minchetti, “...O montanhista nato sabe o momento de se aproximar e juntar-se a nós. Ele virá porque ama os animais da floresta, a vegetação, os insetos, a sensação de tocar a terra com as mãos, por aceitar e enfrentar seus próprios desafios e, principalmente, sentir-se integrado no seu ambiente natural e não um mero visitante ou invasor.”

Tais valores surgiram da prática, do convívio, até começarem a ser discutidos em nosso meio, sob o conceito de Ética. Após mais de um século de amadurecimento em todo o mundo, e para fazer frente aos novos desafios que a grande expansão das atividades comerciais de montanha, principalmente em grandes altitudes sofreram nos anos 90, a União Internacional de Associações de Alpinismo (UIAA) formalizou a sua “Carta do Tirol”, traduzindo em condutas, esses valores. Mas se por um lado esses valores tiveram sua gênese nas árduas escaladas de tempos antigos, os mesmos, foram preservados, em atividades com ausência de risco, mais com forte elemento comunitário e coletivo oferecidas pelos clubes. Estão presentes em mutirões de reflorestamento, estão

presentes no hábito de doar medicamentos a comunidades locais após uma excursão em áreas próximas, em não sonegar informações sobre localidades, trajetos e acessos e sem dúvida na confraternização do último grampo!

Essa identidade coletivista, tão estranha à pós-modernidade do mundo, da qual vários outros setores da atividade humana são carentes, só nos foi possível, pelo legado deixado por nossos predecessores. Contudo, próximos de datas tão marcantes como o septuagésimo aniversário do CERJ, o nonagésimo do CEB e o quinquagésimo do Guanabara, muitos de nossos pioneiros já não estão mais entre nós, para zelar por esta rica herança. Por este motivo, esforços como os de companheiros que têm se empenhado em registrar a história do montanhismo brasileiro, são muito bem vindas e oportunas. Contudo, talvez ainda não sejam suficientes, para preservar a memória e a identidade do nosso esporte, que talvez, como nenhum outro tenha tanto a contribuir do ponto de vista educacional com nossa sociedade. Embora alguns clubes tenham seus acervos resguardados, muitos, sequer têm a exata idéia do tesouro que possuem, tendo, segundo o relato de companheiros debruçados sobre o assunto, como o Waldecy Lucena (CERJ/CEG) e a Suelly Ribeiro (CEG), tendo seu patrimônio dilapidado e parcialmente perdido, ou preservado pelo empenho pessoal de poucos. É na preocupação de manter essa tradição e esses valores às gerações futuras, que devemos assumir esforços pela devida conservação e pela publicidade de nossos acervos, como mais uma conquista a ser realizada.

O CERJ EM Setembro





Escaladas

Caminhadas

Confraternizações

Reflorestamento

Junte-se a nós!



Centro Excursionista
Rio de Janeiro

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Reconhecido de utilidade pública estadual pela Lei
640 de 17/11/64 (D.O 01/12/64)

Sede própria: Av. Rio Branco, 277 / 805
Edifício São Borja - 20047-900
Rio de Janeiro (RJ) - Brasil

Tel: 0 xx 21 2220-3548
www.cerj.org.br
cerj@cerj.org.br

Reuniões sociais:
Quintas-feiras a partir das 20:00 horas